

## A nova “cortina de ferro”

*Ver-se-á depois da guerra como fica o espaço pós-soviético e a linha de demarcação da segurança europeia. Já não será uma divisão entre comunismo e capitalismo, mas entre a ditadura e democracia. E ficará sempre às portas da Rússia. O tiro está a sair pela culatra a Putin.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 23 de Março de 2022**

Putin queria fazer a Rússia “*great again*”. Mas em vez de lhe restaurar a grandeza está a acelerar-lhe o declínio. Quando decidiu [invadir a Ucrânia](#) Putin definiu três objectivos políticos e uma estratégia militar.

O que estava em causa nos objectivos era muito mais que a Ucrânia. Era em primeiro lugar, fazer recuar a NATO e refazer a arquitectura de segurança europeia, atacar a hegemonia americana e rever a ordem internacional liberal. Isto é, constituir-se como a principal potência revisionista. Em segundo lugar, reconquistar o espaço pós-soviético e, sob o pretexto da protecção das minorias russas, restaurar o império czarista. E, finalmente, afastar a democracia das suas fronteiras e evitar o contágio democrático à sociedade russa. Isto é, assegurar na vizinhança próxima regimes autocráticos e submissos com o de Lukashenko.

A estratégia era simples: uma guerra relâmpago, com o máximo de violência e o mínimo de tempo. Tomar Kiev em poucos dias, provocar a mudança do interlocutor e instaurar um regime fantoche e um governo russófilo.

Falhou a estratégia militar e está a falhar os objectivos políticos. Falhou a estratégia porque a guerra não foi relâmpago. Dura há um mês e a agressão russa degenerou numa tal espiral de violência, destruição e morte que os crimes de guerra e a barbárie são vistos em directo. Falhou, porque Putin esperava ser recebido como libertador e foi recebido por uma resistência heróica. Falhou, porque não só não conseguiu mudar o interlocutor como transformou Zelenskii num líder mundial. Falhou, finalmente, porque a invasão reforçou a identidade nacional e a resistência ucraniana e a guerra pode prolongar-se. Os custos para a Rússia são já elevadíssimos: 10.000 soldados mortos e uma economia que dá mostras de não conseguir sustentar o esforço de guerra. E mesmo que consiga ocupar e isso não significa submeter. Mesmo que consiga derrubar o governo isso não evita um governo no exílio e uma guerrilha em casa.

Haverá outras saídas? Sim, todas piores. Se a resistência continuar e a progressão russa tardar Putin, acossado, pode ser tentado a apostar na escalada e usar armas químicas ou biológicas. Ou, em desespero de causa, armas nucleares tácticas. Mas isso significaria que o Ocidente dificilmente poderia ficar de fora. E num confronto directo com a NATO Putin sairia a perder. E aí todos perderiam, porque seria a III Guerra Mundial.

Finalmente, não pode excluir-se a ruptura da frente interna. O efeito das sanções económicas já está a privar a elite cleptocrática das mansões, dos iates e das contas

bancárias no Ocidente e acabará por empobrecer a débil economia russa e afectar o quotidiano das populações. A [frente antiguerra](#) e as divisões na elite podem gerar um golpe para afastar o ditador e pôr fim à guerra que está a comprometer o futuro país. A Rússia está ao ataque, mas não está a ganhar a guerra. No curto prazo, a decisão racional para Putin seria aceitar um cessar-fogo e abrir negociações sérias. A Ucrânia teria que estar preparada para cedências, mas a Rússia também. A agressão não pode ser premiada com a Crimeia ou o Donbass.

No longo prazo, Putin está também a falhar todos os objectivos. O seu revisionismo passava por quebrar o vínculo transatlântico e enfraquecer a NATO, dividir os europeus e enfraquecer a UE. Conseguiu num mês o que décadas pós-Guerra Fria não conseguiram: juntar os dois lados do Atlântico e dar uma nova vida à NATO, de novo empenhada na defesa colectiva; unir os europeus, tentar os neutros ao alinhamento e rearmar a Alemanha. Não é coisa pouca. Ver-se-á depois da guerra como fica o espaço pós-soviético e a linha de demarcação da segurança europeia. Mas uma coisa é certa: sobre essa linha cairá uma “nova cortina de ferro” que dividirá a Europa, não entre o comunismo e o capitalismo, mas entre a ditadura e a democracia. E seja qual for a linha de segurança, a democracia ficará sempre às portas da Rússia.

A grande incógnita está na China. Dividida entre o apoio político ao quase aliado russo e a dependência económica dos mercados internacionais. E a defesa do princípio da soberania e da integridade territorial, incluindo a Ucrânia, mas a pensar em Taiwan. A neutralidade chinesa terá um fim, mas seja qual for a decisão de Xi, Putin já perdeu. Porque na disputa pela liderança do revisionismo internacional antes era a China que precisava da Rússia, agora é a Rússia que precisa da China.

O homem cometeu um erro trágico: disparou o primeiro tiro, mas o tiro está-lhe a sair pela culatra.

<https://www.publico.pt/2022/03/23/opiniao/opiniao/nova-cortina-ferro-1999735>